
Editorial

Informação educativa: *narrowcasting* e *broadcasting*

Para a devida manutenção de um nível condizente de vida, é necessário atingir a maior causa que inviabiliza esse fato, ou seja, a ignorância, que promove a indignidade humana e anula o sujeito político. O problema não se restringe somente aos analfabetos, mas também à parcela da população que está excluída do acesso às informações, aos programas sociais e ao próprio progresso. Nesse caso, o cerne da questão não é cultural, pois todas as pessoas possuem saberes específicos considerando-se que pertencem a um contexto histórico e cultural que lhes foi legado pela própria vivência em permuta com o mundo. A questão é a ignorância produzida que mantém a percepção analítica e crítica nula ou submissa às opiniões de outros, dos mais privilegiados, formando massa de manobra, para não conseguir fazer a leitura da realidade.

A escola persiste no instrucionismo, que Demo (2000)¹ chama de *broadcasting learning* porque está fundamentada na mera transmissão, uma abordagem de ensino tipicamente autoritária, de cima para baixo, centrada no instrutor. Nesse caso, o estudante, também receptor, recebe e armazena a informação por meio do ensino.

É o caso tradicional de transmissão nos meios de comunicação, *broadcasting*, que visa a atingir a maior audiência possível. Esse tipo de transmissão objetiva repassar uma informação geral, sem levar em conta especificidades ou particularidades. O aspecto opinativo fica por conta do indivíduo, que deve formar a sua opinião com base no relato dos fatos e acontecimentos. Entretanto, esse desdobramento nem sempre acontece e, assim como o aluno, o indivíduo recebe e armazena a informação, comportando-se como um membro de uma sociedade de massa, sem perceber que os conteúdos dos meios de comunicação servem para apoiar os pontos de vista individuais.

As novas tecnologias da informação permitiram um redirecionamento na indústria de mídia, tornando possível a definição mais precisa da audiência e conseqüentemente a reformulação de programas. A especificidade fica por conta do público, que não é mais homogêneo e tem preferências, retirando-se da conceituação genérica de massa e elevando-se ao nível de grupo com necessidades e exigências diferenciadas, originando o conceito de *narrowcasting*, transmissão específica, que se opõe ao tradicional conceito de *broadcasting*, transmissão geral. A internet utiliza tanto a transmissão geral como a transmissão direcionada, como é o caso da maioria dos *web sites* para que qualquer pessoa, com acesso à internet, possa visualizá-los. Todavia, *sites* que requerem *log-in* antes de conhecer o conteúdo estão baseados no modelo *narrowcasting* e as tecnologias do impulso (*push technologies*) também são outras formas de *narrowcasting*.

No caso da transmissão geral, *broadcasting*, os canais de comunicação dedicam-se aos segmentos de mercado, montados de acordo com categorias como as características demográficas (sexo, idade e renda familiar) ou com outras mais sofisticadas, de acordo com a proposta de novos canais de mídia, focalizando estilos de vida, interesses de lazer cada vez mais detalhados. Com a transmissão específica, *narrowcasting*, os meios de comunicação perpassam o conceito tradicional de uniformizar gostos e culturas e, ao contrário, buscam servir a grupos especializados e até mesmo servir a novos grupos. Esse novo conceito de transmissão não se aplica somente a grupos específicos de pessoas, mas também a tipos de localidades específicas, incluindo consultórios médicos e escolas, entre outros.

Ao considerarmos que, de modo geral, a escola ainda se utiliza de uma pedagogia instrucionista, com

¹ DEMO, Pedro. **Educação e conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

uma transmissão geral de conhecimento, *broadcasting learning*, deve-se, então, propor a utilização do conceito de *narrowcasting*, ou seja, mídias específicas para audiências específicas, a fim de proporcionar a melhoria do nível de conhecimento da população sobre condições de saúde e qualidade de vida. Com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), que apoiam a sociedade do conhecimento, torna-se possível repassar informações às comunidades específicas por meio de canais de mídia direcionados, completados por mecanismos de controle e avaliação.

Desde o século XIX, firma-se a ideia de que os meios de comunicação também servem para educar, inclusive pela sua própria potencialidade. Atualmente, essa ideia agregou vários adeptos e inúmeros estudiosos defendem o posicionamento de que a mídia informa, entretém, mas também educa. Esse último aspecto deve ser expandido e explorado, utilizando todas as possibilidades técnicas e as características próprias dos meios a fim de colaborar com a sociedade da informação e do conhecimento, em que o indivíduo não vale pela força do trabalho, mas pela abrangência do seu conhecimento.

Maria Teresa Marins Freire

Jornalista, professora do curso de Comunicação Social da PUCPR;
Mestre em Educação (PUCPR); Doutoranda em Ciências da Saúde
(ênfase em Educação e Comunicação) (PUCPR); e-mail: teresa.f@pucpr.br